

Afrocentricidade, currículo e identidade cultural no ensino secundário: um estudo de caso em São Tomé E Príncipe, 2010-2020

Mirian Fonseca da Costa *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-4791-3064>

Resumo: O presente artigo propõe uma análise crítica sobre o currículo do componente de História. Para estes fins, pretende-se fazer uma análise sobre a identidade cultural, no sistema de ensino secundário entre 2010 e 2020 a partir da epistemologia da Afrocentricidade. Além disso, refletir sobre educação Afrocentrada e a necessidade de inclusão dos conteúdos africanos nos livros didáticos e pragmatizados em sala de aula. Sendo assim, partiremos da seguinte pergunta: uma educação afrocentrada em São Tomé e Príncipe contribuirá para a construção e a valorização da identidade cultural do povo santomense? Do ponto de vista metodológico este trabalho pauta pela abordagem qualitativa, privilegiando a análise bibliográfica, como, livros, monografias, e artigos partindo de referências como Benedito (2016), Cardoso (2020), Melo (2020), Candau (2008), Diop (1991), Silva (2016), Nascimento (2008), Tavares (2020), Asante (2009), entre outros. Este trabalho é relevante para pensar problema geracional e racial que atravessam o sistema educacional santomense e com seus impactos em diversas dimensões como política, económicas, social, epistemológica, entre outras. Ademais, pensamos que este trabalho poderá servir como aporte científico, para pesquisas futuras em educação em São Tomé e Príncipe, considerando os caminhos epistemológicos que propõe uma nova narrativa epistêmica e projeto pedagógico comprometido com a construção da consciência histórica e a libertação das mentes.

Palavras-Chaves: Educação; Currículo; Cultura; Identidade; Afrocentricidade

Résumé: Cet article propose une analyse critique du curriculum de la composante Histoire. A ces fins, il est prévu de faire une analyse de l'identité culturelle dans le système d'enseignement secondaire entre 2010 et 2020 à partir de l'épistémologie de l'Afrocentrisme. En outre, réfléchir à l'éducation afro-centrée et à la nécessité d'inclure des contenus africains dans les manuels scolaires et pragmatisés en classe. Dès lors, nous partirons de la question suivante : une éducation afro-centrée à São Tomé et Príncipe contribuera-t-elle à la construction et à la valorisation de l'identité culturelle du peuple santoméen ? D'un point de vue méthodologique, ce travail est guidé par une approche qualitative, privilégiant l'analyse bibliographique, tels que des livres, des monographies et des articles basés sur des références telles que Benedito (2016), Cardoso (2020), Melo (2020), Candau (2008), Diop (1991), Silva (2016), Nascimento (2008), Tavares (2020), Asante (2009), entre autres. Ce travail est pertinent pour réfléchir à un problème générationnel et racial qui traverse le système éducatif santoméen et ses impacts sur diverses dimensions telles que politique, économique, sociale, épistémologique, entre autres. De plus, nous pensons que ce travail peut servir de contribution scientifique pour de futures recherches en éducation à São Tomé et Príncipe, en considérant les voies épistémologiques qui proposent un nouveau projet narratif épistémique et pédagogique engagé dans la construction de la conscience historique et la libération des esprits.

* Docente, linguista, investigador, especialista em língua, cultura e literatura *nyungwe*

Mots-clés: Éducation; Reprendre; Culture; Identité; Afrocentrisme

afroxentxidadi, kurikulu na identxidadi kulturali na inxino sukundario: na estudu un ã na kasu di santomé k'ie di pinxipi

Rezumu: Pesente atigo ka propo analigi un ã kritxika na kurikulu di sua na sugundo xikulu di tiseru anu na patxi konheximentu di Afroxentxidadi. Po ine dixizan sê a ka petendê fezê analigi kritxika na identxidadi kuturali na sistema di enxinu na 2010- 2020 (dosú mili dexi a dosú mili vintxi) na patxi di konheximentu di Afroxentxidadi. Na vizanda sé até ki refletxi na edukasan afrocentrada i nesexidadi di inklusan na kontxidu lokali i africanos na livu didatxiku i debaxidu na sala di aula. Na vizanda sé kapatxi a ka punta: Edukasan un ã afrocentrada na santomé K'ie a kontxibui na peservasan i na valorizasan identxidadi kuturali di povo Santomé K'ie? Na visan metodologiku xivisu sê ka pauta na abodagi qualitativa peve ka previligia analigi bibliográfica mo, livu, monografia, atigo patxi na referexia mo: Benedito (2016), Cardoso(2020), -Melo (2020), Candau (2008), Diop (1991), Silva (2016), Nascimento (2008), Tavares (2020), Asante (2009). Xivisu sê sa relevantxi pa no tê xintidu di poblema geracionaly ki rasialy ki sa pasa nu dentu edukasionaly di santomenxy ki sê inpatu na montxy dimensan mody politxica, ekonomika ,socialy, epistemologicaly , ki ôtô kuanwa .Ate ki no ka pensa ki xivisu sê sa we xivi mody póoto xientifiku ,pa buka futuro na edukasan na santo me k ie ,na pasu epistemologiku ki ka da txy vida nova ,naratxiva epistêmika ki pojetu pedagojiku zuntadu ki kostrusan ki kuxense na kontu ki libertasan ki kabese.

Palava- Savi: Educasan; Kuriculu; Kutua; Identxidadi; Afroxentxidadi

Introdução

Este artigo tem como tema “Afrocentricidade, currículo e identidade cultural no ensino secundário: um estudo de caso em São Tomé e Príncipe, 2010-2020.” Para estes fins focalizaremos em uma análise reflexiva voltado para educação do país, concretamente no terceiro nível do ensino médio do componente curricular de História. Neste contexto, o trabalho está direcionado aos/as discentes do ensino secundário do componente curricular de História do 12º ano. A escolha deste componente partiu do momento em que ao analisarmos os conteúdos vinculados aos livros de apoio observamos grande lacuna ao que concerne às histórias do Continente Africano. Além disso, o interesse em estudar este tema parte do momento em que começamos a perceber a relevância de uma educação pautada em um modelo Afrocêntrico.

Essa percepção está vinculada com a análise do percurso acadêmico desde o ensino básico até o secundário (2004 a 2016) em São Tomé e Príncipe. No decorrer

deste percurso acadêmico tivemos contato superficial, no que tange aos assuntos relacionados com as histórias e as culturas africanas em geral. Neste contexto, os conteúdos que ganhavam mais ênfase nos livros didáticos estavam direcionados a uma realidade histórica e dinâmica cultural Europeia.

Assim sendo, ao ingressarmos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), passamos a refletir com diferentes temáticas que reverenciam as histórias e culturas africanas. Isso contribuiu para a construção da nossa consciência histórica, (re) construção da subjetividade, autoestima e estima racial. A partir desta transformação, passamos a valorizar a nossa cultura e preservar a nossa identidade cultural como mulheres africanas do continente que partilham origens e condições comuns com as mulheres negras no contexto das diásporas, como o Brasil

Desta forma, na primeira seção iremos fazer uma breve apresentação de São Tomé e Príncipe a qual abordaremos de um modo crítico sobre historiografia ocidental no que tange a chegada dos portugueses as ilhas de São Tomé e Príncipe. Além disso, iremos abordar sobre as línguas autóctones do povo santomense e a influência portuguesa no âmbito social do país, no que tange a imposição da língua portuguesa, as religiões no território santomense. Só para realçar, trouxemos estas abordagens no sentido apresentar, de modo sintetizado a forma como o território santomense se constitui.

Na segunda seção, iremos fazer breve retrospectiva histórica sobre o sistema educativo em São Tomé e Príncipe na era colonial, pós colonial e abrindo um parêntese para abordarmos sobre o impacto da pandemia no âmbito educacional do país. A seguir teremos em pauta a questão do eurocentrismo: fenômeno estrutural dos conteúdos dos livros didáticos de história do 12º ano. Nessa terceira seção, faremos uma reflexão sobre o que seria o eurocentrismo e a forma como este fenômeno condicionou e condiciona o sistema educacional de São Tomé e Príncipe, com ênfase aos livros didáticos do componente curricular de história que acaba por visibilizar as histórias ocidentais e não dando espaço para que as temáticas voltadas para histórias e culturas africanas nas salas de aula sejam discutidas.

Na última seção teremos em devida conta epistemologia de Afrocentricidade, currículo e identidade cultural de São Tomé e Príncipe. Assim sendo, nesta seção dialogaremos sobre diferentes autores que abordam temáticas relacionadas as

epistemologia da Afrocentricidade autores que dialogam sobre o currículo, a educação, a cultura e a identidade cultural.

1. Apresentação de São Tomé e Príncipe

A República Democrática de São Tomé e Príncipe, antiga colónia portuguesa, que tornou-se independente desde 12 de julho de 1975. É um estado insular formado por duas ilhas vulcânicas, uma denominada São Tomé e outra, ilha do Príncipe. O país possui um sistema semipresidencialista democrático representativo, cujo presidente é o chefe do Estado e o primeiro-ministro é chefe do governo. Segundo os censos realizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2020) demograficamente, o país possui cerca de 210.240 mil habitantes com uma dimensão territorial de 1001 km².

De acordo com a historiografia ocidental, o país foi “descoberto” pelos navegadores portugueses em 1470 e 1471 (GAMA, 2018, p.43). Porém, esta tese assegurada pela historiografia ocidental é bastante problemática, pois parte do princípio de que essas terras estavam perdidas ou escondidas. Deste modo, segundo o princípio de refinamento léxico, da epistemologia de Afrocentricidade as ilhas foram “invadidas” pelos colonizadores portugueses. O intelectual Odair Baia em sua abordagem sobre “O Estado Angolar- (Utopia vs Realidade)” publicado por Téla Nó (2011), o território santomense já era habitado pelos angolares, antes da chegada dos colonizadores.

Baia (2011) ainda diz que esses povos eram autônomos e livres, pois possuíam os seus próprios sistemas de organização política, econômica, espiritual, educacional, filosófica e cosmológica, ao ponto de resistirem e insurgirem contra a invasão dos portugueses aos seus territórios, com o propósito de promover a sua integridade cultural e autodeterminação. Entretanto, para o autor a resistência e protagonismo dos angolares tem sido invisibilizada pela historiografia ocidental, como estratégia política de dominação e exploração, dentro de um contexto e dinâmica social, histórica, neocolonial, eurocêntrico.

De acordo com Agostinho e Bandeira (2017), o país possui três línguas autóctones dentre elas temos o forro, o angolar, e o lung'le. Além dessas línguas, temos o crioulo cabo-verdiano, que é falado pela maioria da população da ilha do Príncipe. Ademais, temos o português, que foi imposto dentro da sociedade pelos colonizadores portugueses

e desde então tornou-se um idioma oficial, instituída em diversas instâncias hegemônicas, mormente o sistema de ensino, comunicação social, entre outras.

São Tomé e Príncipe teve uma grande influência dos valores culturais ocidentais que abrangeram ao nível linguístico, político, económico, espiritual (redução da experiência de religiosidade), e educacional do país. No que tange a religião, Francisco (2021) afirma que a mais professada pelo povo santomense é o cristianismo numa percentagem de 95,5% dentre eles 80% pertencem a religião católica que foi imposta durante o processo da colonização portuguesa por meio da evangelização dos missionários católicos portugueses. Esta imposição religiosa contribuiu para a colonização das mentes e alienação cultural dos povos africanos, visto que ao chegarem no continente africano, os nativos já possuíam as suas crenças religiosas e suas culturas que mais tarde acabaram por serem exterminadas criminalizadas e invisibilizadas, consideradas “inferior” em relação aos valores civilizatórios europeus.

Segundo Curto (2009 apud MACEDO, 2013), com objetivo de propagar o evangelho na África, os missionários católicos usavam as estratégias de converter primeiramente os líderes de cada comunidade com finalidade de conseguir estabelecer os seus núcleos religiosos e combater as lideranças tradicionais. Com isso, podemos dizer que a Europa usou a religião como uma ferramenta, sobretudo para invadir os territórios africanos e pregar as suas doutrinas sem respeitar as crenças e culturas africanas.

Tal como as imposições das línguas e as religiões em São Tomé e Príncipe, a cultura do país também teve uma forte influência da cultura do colonizador que se tornou dominante. Esta influência europeia dentro da cultura tornou-se algo obrigatório. Em comparação com o que foi ilustrado acima Benedito (2016, p. 6) ilustra “[...] Europa impôs o seu modelo civilizatório a toda humanidade provocando a distorção das suas identidades [...]”. No caso de São Tomé e Príncipe não foi diferente, pois a imposição desses modelos europeus acabou afetando diferentes esferas e uma delas foi o sistema educacional. Esta imposição provocou a distorção das identidades culturais do povo santomense.

2. Breve retrospectiva histórica do sistema educativo em São Tomé e Príncipe

De acordo com intelectual Gama (2018), a educação em São Tomé e Príncipe no período colonial entre século XV até meados do século XX foi caracterizada das seguintes maneiras: uma educação com base ao sistema educacional missionário da igreja católica, a qual o objetivo principal era formar pessoas na área eclesiástica, sendo que os primeiros indivíduos a serem ingressados nessa formação foram as 2000 mil crianças judias recebidas por Portugal, após serem expulsas da Espanha e trazidas para São Tomé em 1493.

Com isso, foram introduzidas algumas escolas que estavam sobre a tutela dos missionários, como no caso do colégio de artes e ofícios que foi implementado em 1514. Em 1560, deram procedimento a educação de indivíduos que posteriormente poderiam ocupar o cargo do líder religioso; no ano de 1576 elaboraram uma escola de formação superior eclesiástica e foram instituídas escolas primárias nas freguesias em 1878. Segundo Gama (2018), postula que com a implementação da República em 1911, o ensino foi dividido em diferentes moldes: ensino primário elementar que passou a ser regulamentado pelo decreto Lei nº 45908, de 10 de Setembro de 1964, similar ao sistema da metrópole em que as aulas eram realizadas nas escolas primárias oficiais e particulares, o ensino profissional alimentar e agrícola e o ensino técnico- profissional que foi criado com o Decreto nº 46519 em setembro de 1965.

Segundo Paraíso (2018), com o processo da independência de São Tomé e Príncipe em 12 de julho de 1975, o país adotou ao sistema socialista e o ensino passou a girar em torno desse sistema, orientado por uma economia planificada e voltada ao serviço do Estado do partido único. Com a implementação da nova constituição da República Democrática de São Tomé e Príncipe em 1990, a autora afirma que o país mergulhou numa política democrática e multipartidária e, com isso, a educação passou a ser orientada a partir de um novo documento, que era sustentado para economia planificada centralizada no Estado. A autora ainda afirma que com adaptação de uma nova constituição houve uma mudança na conjuntura educacional do país em 1988 por intermédio da cooperação existente entre Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional.

Deste modo, foi criada a primeira Lei de base do sistema educativo através do Decreto-Lei nº 53/88, que estruturou o ensino da seguinte maneira: Subsistema de

Educação Geral, ou seja, uma educação em que todos santomenses passaram a ser contemplados; Subsistema de Formação e Capacitação de Quadros Docentes; Subsistema de Educação Técnica e Profissional e Subsistema de Educação de Adultos (GAMA. 2018, p. 53).

Tendo em conta o desajuste da Lei nº 53/88 no que tange ao atual contexto sócio-político e econômico houve-se a necessidade de elaborar uma nova lei de base educacional, foi então que criaram Lei nº 2/2003. Com a promulgação dessa lei, o sistema educativo passou a se estruturar em três modalidades: a educação pré-escolar, a educação escolar e a educação extraescolar (CORREIA. 2018, p. 5).

No capítulo II do artigo 4 do Diário da República do país, consta que a educação Pré-escolar promove estreita cooperação com a educação familiar; a educação escolar engloba o ensino básico, o secundário e o superior; pôr fim, a educação extraescolar que está interligada as atividades culturais e científicas o aperfeiçoamento profissional etc.

Portanto, Carvalho (2005) ilustra que a educação do país também enfrentou um período crítico durante a sua estruturação e os fatores que contribuíram para deterioração do ensino escolar foram: falta de corpo docente qualificado, falta de recursos financeiros, o abandono escolar causado pela falta das instituições escolares. Além disso, Cardoso (2004) enfatiza que houve desigualdade no acesso ao ensino primário por parte das crianças que habitavam em zonas rurais e falta de equipamentos que pudessem contemplar todos os estudantes no ensino primário. Assim sendo, foram criadas algumas medidas que pudessem auxiliar no desenvolvimento educacional e uma dessas medidas na concepção de Gama (2018), foi a política de cooperação que o governo santomense manteve com diversos países, como no caso de Cuba, Portugal, Estados Unidos, Brasil, Cabo Verde, dentre outros.

Neste sentido, a pesquisadora Adelaide Gama (2018) assegura que essas cooperações tinham como objetivo lecionação de algumas disciplinas do ensino secundário como no caso de Física, Química e História dentre outras. Além disso, a autora menciona que os países que promoveram cooperação com o governo santomense recebiam estudantes santomenses com finalidade de darem os prosseguimentos dos seus estudos no exterior e especializavam os professores para lecionar nas escolas (GAMA, 2018, p. 54-55).

Após a independência, o governo santomense tem assinado vários acordos de cooperação com diversos países, no que tange ao sistema educacional do país.

Atualmente por exemplo a cooperação faz parte de um acordo realizado entre Portugal e o Ministério da Educação e Cultura de São Tomé e Príncipe. Esta cooperação portuguesa é denominada de projeto Escola+ e é coordenado pela Fundação Marquês de Valle Flôr, aprovado pelo (MEC) de São Tomé e Príncipe e pelo IPAD, suportado pelo Fundo da Língua Portuguesa e passou a fazer parte do ensino do país desde 2009 até os dias atuais (CARDOSO. 2020, p. 36). Segundo o Instituto de Marquês de Vale Flor (IMVF, 2020), o projeto tem como foco o desenvolvimento de um ensino secundário de qualidade e prega que a educação seja para todos, no âmbito do Projeto de Dinamização do Ensino Secundário em São Tomé e Príncipe.

Em seu texto “Reforma do ensino secundário em São Tomé e Príncipe, *Apresentação do projeto Escola,*” Barreto (2012) destaca alguns objetivos do Projeto: Formação dos diretores e gestores escolares na área da administração e gestão escolar; Formação dos supervisores escolares; Reforma dos programas do ensino secundário; Elaboração de manuais escolares; Formação de inspetores do ensino secundário

A educação em São Tomé e Príncipe traçou diferentes caminhos desde o período colonial até pós-colonial. Atualmente, tem atravessado mais uma fase da conturbação que é a crise da pandemia da Covid 19. Segundo Carlos (2020), durante esse período, os estudantes não poderiam frequentar as escolas, tão pouco haviam possibilidades de terem uma aula a distância. Com isso, o governo santomense adotou umas séries de medidas a fim de garantir os retornos às aulas, estas que tiveram início em 8 de setembro de 2020, embora de uma forma faseada. O autor ainda enfatiza que, primeiramente passaram a frequentar as escolas os alunos do 2º ciclo do ensino básico e posteriormente em outubro passaram a frequentar os alunos do ensino secundário e universitário.

De acordo com Carlos (2020), as medidas tomadas foram as seguintes: diminuição dos números de estudantes por cada sala de aula; redução dos horários das aulas, alargamento do parque escolar, melhores condições dos transportes escolares, e promoveram as medidas do distanciamento social de um metro e meio, de acordo com as orientações da Organização Mundial da Saúde.

Assim, podemos constatar que a educação do país traçou e vem traçando diferentes caminhos porém, existe um fenômeno que merece ser observado com o devido cuidado que é o eurocentrismo como base estrutural no modelo curricular de São Tomé e Príncipe, que acaba inviabilizando e excluindo os conteúdos africanos nos

materiais de apoio sendo retratados de uma forma muito superficial. Porém trataremos disso na seção a seguir de uma forma mais fundamentada.

3. Eurocentrismo: fenômeno estrutural dos conteúdos dos livros didáticos

Existem diferentes concepções no que tange à definição do eurocentrismo. Assim sendo, Amin (1994 apud SANTANA et al., 2008, p. 47) caracteriza o eurocentrismo como uma crença sustentada pelo modelo de desenvolvimento europeu em relação aos outros povos e também caracterizado como uma ideologia. Da mesma forma Serequeberhan (1997), caracteriza-o como um preconceito localizado na autoconsciência da modernidade e está enraizado em seu coração e constitui a crença metafísica ou ideia que a existência europeia é qualitativamente superior às outras formas humanas de vida. Já Quijano (2005) ilustra que o eurocentrismo é uma perspectiva epistemológica que surgiu na Europa Ocidental antes dos meados do século XVII e que posteriormente tornou-se algo mundialmente hegemônico.

O fenômeno de eurocentrismo baseia-se na ideia de que a Europa possui um padrão civilizatório superior às demais nações, sendo assim, impõe as características desse modelo social em realidades diferentes. Esse paradigma eurocêntrico teve a sua repercussão no âmbito educacional de São Tomé e Príncipe. Como informa Barreto (2012 apud CARDOSO, 2020, p. 36), São Tomé e Príncipe herdou um sistema colonial da educação. A fala do autor é coerente com o que estivemos estudando, pois a educação do país não tem se preocupado em elaborar um material didático que venha contemplar os estudos africanos e desde então vêm reproduzindo os mesmos conteúdos anualmente sem refletir criticamente que esses conteúdos são baseados nas histórias ocidentais.

Em conformidade a isso, Cardoso (2020), em sua monografia de conclusão do curso de licenciatura em história pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), demonstra a sua preocupação no que tange à falta de financiamento por parte dos governantes em elaborar livros didáticos de história que venha desconstruir os pensamentos coloniais e hegemônicos, penetrados nos ensinos. Cardoso (2020) manifesta a sua preocupação em elaborar um trabalho pautado na Afrocêntrica, descolonização e a decolonialidade dos saberes epistemológicos nos textos de apoio e nos livros didáticos de História em São Tomé e Príncipe.

Tivemos a oportunidade de consultar o manual de apoio de história do terceiro ano do ensino secundário. Segundo Barreto (2012), ensino secundário em São Tomé e Príncipe está estruturado da seguinte maneira: o primeiro ciclo vai de 7º ano ao 9º ano e o segundo ciclo compreende-se a 10º ano ao 12º ano. Assim sendo, ao analisarmos o material de apoio de história do terceiro ano do ensino secundário 2º ciclo, percebemos o quanto a história da Europa ganha espaço no tocante aos conteúdos abordados, ao passo que as histórias africanas são elaboradas superficialmente. Esses conteúdos ocidentais estão presentes tanto na unidade 11, unidade 12, e unidade 13 apenas na unidade 14 é que se constata temáticas relacionadas à história de São Tomé e Príncipe. Só para realçar esta abordagem das unidades estão de acordo a estrutura do texto de apoio de história.

Na imagem abaixo, a foto do índice do manual de apoio de História do 12ºano que consultamos. Este manual vem sendo utilizado nas escolas secundárias em São Tomé e Príncipe desde 2009 até os dias atuais com a entrada do projeto Escola + Educação para Todos.

Índice

Unidade 11 - A Europa e o mundo na primeira metade do século XX. Política, sociedade e cultura. Portugal: o fim da primeira República e o Estado Novo. A política colonial nos anos trinta.	3
11.1. As Transformações das primeiras décadas do século XX.....	3
11.2. Portugal no primeiro pós-guerra	36
11.3. O Agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30	38
11.4. A Degradação do ambiente internacional	80
Unidade 12 - O Mundo entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início da década de 80. A descolonização. A política colonial do Estado Novo no pós-guerra. O Marcelismo. A Revolução de Abril e a descolonização. O movimento dos não-alinhados e a OUA	86
12.1. NASCIMENTO E AFIRMAÇÃO DE UM QUADRO GEOPOLÍTICO	86
12.2. O TEMPO DA GUERRA FRIA - A CONSOLIDAÇÃO DE UM MUNDO BIPOLAR	94
12.3. PORTUGAL: DO AUTORITARISMO À DEMOCRACIA	116
12.4. AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS DO TERCEIRO QUARTEL DO SÉCULO XX.....	131
Unidade 13 - O Mundo actual - Alterações geoestratégicas e novos pólos de desenvolvimento económico. A globalização e as mudanças sociais. Novos caminhos da cultura e da arte.	148
TEMA 1 – O FIM DO SISTEMA INTERNACIONAL E A PERSISTÊNCIA DA DICOTOMIA NORTE-SUL	148
TEMA 2 - OS PÓLOS DO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO.....	152
TEMA 3 - PERMANÊNCIA DE FOCOS DE TENSÃO EM REGIÕES PERIFÉRICAS	163
TEMA 4 - A VIRAGEM PARA UMA OUTRA ERA	172
TEMA 5 - DIMENSÃO DA CIÊNCIA E DA CULTURA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO	183
Unidade 14 - A África depois da descolonização S. Tomé e Príncipe no Século XX	191
Contexto Internacional	194
14.1. São Tomé e Príncipe no século XX	200
14.2. S. Tomé e Príncipe: Estado Independente.	204
14.3. Novas exigências actuais.....	222
Obras Citadas	224

Figura 01. Fotografia do índice do texto de apoio do 12º ano

Como podemos ver as temáticas vinculadas na unidade 14 são distribuídas apenas em três subcapítulos e dentre eles temos: “A África depois da descolonização/São Tomé e Príncipe no século XX, São Tomé e Príncipe: Estado Independente e Novas exigências Atuais”. Além desses pormenores, temos um recorte na história do país, já que ela começa a ser contada a partir do processo da descolonização. É do inteiro conhecimento que as histórias do continente africano não se resumem aos processos de colonização e descolonização, porém o ocidente fez com que estas histórias fossem apagadas e

desrespeitadas. Como ilustra Diop (1991), a destruição da consciência histórica foi o maior objetivo da colonização e a escravidão.

Como podemos ver a partir dos conteúdos que estão inseridos no índice existem poucas histórias de São Tomé e Príncipe. Por outro lado, esses conteúdos não trazem temáticas que possivelmente contribuiria para construção da identidade cultural do povo santomense e isso é prejudicial para qualquer nação pois, um povo sem conhecimento da sua história está sujeito a qualquer tipo de condição. Por essa razão, é necessário que haja uma forma de circulação dos conhecimentos voltados para histórias africanas. Um dos maiores mecanismos de transmissão desses conhecimentos históricos e culturais é a educação, pois a partir do momento que reelaborarem o currículo escolar introduzindo uma educação afrocentrada e promovendo debates em sala de aula, haverá uma mudança por parte dos discentes os/as santomenses no que tange valorização e aceitação de si mesmo e provavelmente incentivar na busca das suas identidades culturais.

4. Afrocentricidade, Currículo e Identidade Cultural santomense

Para superar o eurocentrismo, vários intelectuais africanos, do continente e da diáspora contribuíram no processo de sistematização de um paradigma teórico e prático, denominado Afrocentricidade, que conta com a contribuição máxima dos trabalhos de Molefi Kete Asante, nos final da década de 1980.

Segundo Asante (2009), Afrocentricidade é um tipo de pensamento que surge com finalidade de elevar os africanos/as e contribuir para que os mesmos/as sejam protagonistas das suas histórias, suas culturas e ter o controle da própria vida e tudo que os rodeiam. Asante elabora este paradigma na perspectiva de despertar uma localização psicológica dos africanos/as. Para Asante (2009), esta localização está vinculada ao espaço psicológico, histórico cultural e individual, tendo em vista cada momento histórico. Outro aspecto importante para Asante é que os/as afrocentrista precisam ter compromisso de descobrir em que lugar os/as africanos/as se enquadram no que concerne às elaborações de textos e ideias, visto que na maioria das vezes os assuntos africanos são elaborados de acordo com a visão ocidental. Neste contexto, o/a afrocentrista precisa defender os valores e os elementos culturais africanos.

Asante (2009) ilustra que intelectuais os/as afrocentristas devem ter compromisso com o refinamento do léxico, ou seja, atentar para a forma como um/uma escritor/a usa os termos para caracterizar algo pertencente ao contexto africano, pois a linguagem não deve estar desvinculada da realidade do continente. E por fim, Asante caracteriza a Afrocentricidade com o compromisso de uma nova narrativa da história da África. Ao falar da nova narrativa da história da África, significa que deve haver um comprometimento por parte dos/as intelectuais africanos/as em avaliarem as pesquisas que são feitas sobre as histórias do continente, pois sabe-se que a Europa sempre procurou inferiorizar e ridicularizar as histórias africanas em suas pesquisas.

Entretanto, essas histórias africanas são mal contadas são encontradas nos livros didáticos de história e ensinadas nas escolas. Por isso, a questão da Afrocentricidade como pilar de uma educação é algo extremamente relevante dentro de um currículo escolar, pois contribuiria para mudança do pensamento dos indivíduos/as e acreditamos que no contexto santomense não seria diferente. O que seria currículo? Como nos lembra Moreira & Candau (2008),

O currículo é “um conjunto de práticas que propiciam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais”. Dessa forma, a construção da identidade está diretamente relacionada à natureza do conhecimento veiculado no currículo escolar. Portanto, o currículo escolar tem um grande efeito no processo de construção da identidade dos estudantes, pois pode direcionar o ensino para conservação de situações de discriminação e marginalização dos povos subalternizados, quanto pode questionar os arranjos sociais em que estas situações se sustentam (MOREIRA & CANDAU 2008, p. 28).

Em função dos elementos destacados, acredita-se que o currículo deve estar vinculado aos conhecimentos que venham contribuir na construção de identidade cultural e preparação dos/as estudantes e do/a indivíduo/a em geral dentro da sociedade. É esse tipo de currículo que estamos retratando, que venha encorajar de forma profunda o resgate e a preservação das identidades culturais dos discentes do 12º ano em São Tomé e Príncipe. Para que isso aconteça, acredita-se que faz-se necessário optar por uma reestruturação do sistema curricular em que os conteúdos locais e africanos possam ganhar espaços nas salas de aulas, e os/as estudantes possam ter contato com as histórias do seu povo de modo complexo.

Como nos diz Asante (apud SILVA, 2016, p. 256), o currículo escolar não deve centralizar em conteúdos com viés eurocêntrico, mas deveria contemplar assuntos que estejam vinculados com a realidade africana. Isso significa que as escolas deveriam

valorizar as diferentes culturas africanas, as ações curriculares deveriam estar vinculadas ao contexto social cultural e linguístico do continente africano ou do contexto nacional santomense. Kanigoski (2013) enfatiza que existe necessidade de analisar, refletir e reelaborar os currículos escolares, que é também na escola que os/as indivíduos/as desenvolvem tanto as suas identidades individuais como as coletivas.

Sendo a educação um dos maiores pilares da sociedade, pensa-se que não deveria ser universalizada, mas precisa levar em consideração a diversidade social e cultural. Mwalimu Shuja (1998 apud BENEDITO, 2016, p. 15), caracteriza a educação como um mecanismo de transmissão de valores, crenças espirituais, estéticas que são passadas de geração para geração. Com isso, a sociedade deveria atentar-se a esses moldes e ser educada em torno dos mesmos, ou seja, os/as indivíduos/ devem ser educados na escola de acordo com aquilo que faz parte da sociedade local, com finalidade de tornar a sua cultura um fator contínuo, pois é onde desenvolvem as suas identidades individuais e coletivas.

Da mesma maneira, Tavares (2020), ilustra que a educação é um meio de transmissão de conhecimentos que deve estar vinculada a um sistema curricular nacional. Os/as intelectuais referenciados defendem a ideia de educação como um mecanismo de transmissão de saberes locais e afrocentrados, se a educação é um mecanismo de transmissão de conhecimentos ela está interligada com a cultura, ou seja, ambas se relacionam uma com a outra. Entretanto, é dessa educação que estamos falando, uma educação que venha contribuir para circulação de conhecimentos que estejam vinculados ao sistema curricular nacional de São Tomé e Príncipe.

Nobles (1985 apud BENEDITO 2016, p.1) ilustra que a cultura produz uma série de fatores como no caso da linguagem, costumes, pensamentos, epistemologias e valores de uma determinada nação. Esses fatores culturais contribuem para o entendimento, interpretação, definição, criação e seleção de tudo aquilo que é importante para o meio social. Nesse sentido, o/a autor enfatiza que o/a indivíduo não conseguiria existir sem a cultura, pois ela (a cultura) é o meio ambiente de um ser humano. Benedito (2016, p. 22) por sua vez, vai confirmar a tal ação dizendo que "é preciso que os indivíduos sejam educados segundo os valores e conhecimentos orientados pela perspectiva de sua cultura, pois este processo forma sua identidade cultural."

Tendo em conta aos aspectos que foram abordados acima, podemos dizer que cultura revela os princípios valorativos de uma determinada sociedade tendo em conta a

vivência dos seres humanos. A educação ela vai servir de ponte para transmissão desses valores culturais que vão servir de suporte para formação das identidades sociais. Como nos atesta Melo (2020), a cultura está interligada com a formação das identidades sociais, com isso, a educação desempenha um papel fundamental no que tange a transmissão de um conjunto de características culturais que contribuem para formação da identidade. Assim sendo, é nas escolas que os estudantes aprendem sobre as suas culturas portanto, o aprendizado sobre a identidade e a cultura negra nas escolas são importantes afim de contribuir para que os estudantes se sintam representados ao seu espaço.

Assim, podemos constatar que tanto a educação como a cultura são fatores importantes dentro de qualquer sociedade e esses fatores devem andar juntos a fim de promover mudança na conjuntura social. Acredita-se que no contexto de São Tomé e Príncipe, a educação deveria priorizar os ensinamentos das línguas nativas do país nas escolas, além do mais, retratar sobre os costumes, as histórias e as culturas santomenses nas escolas. Não obstante, acreditamos que a educação de São Tomé e Príncipe deve variar de sociedade para sociedade visto que cada meio possui características que são diversificadas, pois sabemos que uma sociedade é constituída por sua diversidade histórica, cultural, religiosa e afins.

Considerações Finais

No decorrer deste trabalho, trouxemos questões relacionadas ao processo histórico da educação em São Tomé e Príncipe durante a estruturação na era colonial. Também falamos do percurso da educação após a independência e no contexto pandêmico. Procuramos demonstrar como as histórias africanas são retratadas superficialmente em materiais de apoio do componente curricular de História do 12º ano enquanto as histórias ocidentais ganham mais espaços nos manuais didáticos.

Com isso, acredita-se que deveria haver mais compromisso questão educacional do país, pois a educação é uma ferramenta importante para qualquer nação. Além disso, o sistema de ensino deveria manifestar os seus interesses em disponibilizar recursos para que haja a elaboração dos livros didáticos de história. Ao construir um material didático deveriam ter em conta que este precisa ser descolonizado e centralizado em um paradigma da Afrocentricidade, pois São Tomé e Príncipe é um país africano e como

qualquer nação é estruturado pelo seu modelo de vida, estando relacionado com as suas histórias e as suas culturas.

Por outro lado, ao elaborar um livro didático, deveriam relacioná-lo com o estilo de vida dos africanos, das culturas e os seus processos históricos. Essas histórias não podem ser resumidas ao processo da colonização, pois as histórias do continente africano não se resume ao processo de descolonização porém, o ocidente vem excluindo com objetivo de apagar as memórias dos povos africanos impossibilitando-os de serem os protagonistas das suas próprias histórias.

Em suma concluímos o trabalho dizendo que ao falarmos da educação devemos ter em conta que ela deve estar relacionada à forma de pensar e de agir de uma determinada sociedade, ou seja, a educação em São Tomé e Príncipe deve recolocar os africanos santomenses como agentes do seu processo histórico. Para além disso, é importante que a educação fornecida pelo estado venha contribuir para a formação dos/as intelectuais santomenses, tornando-os defensores/as dos seus princípios valorativos culturais, exigindo o respeito a esses valores. Para isso, entendemos que focalizar na ideia de Afrocentricidade pode colaborar como uma via de acesso ao restabelecimento e a valorização de uma identidade cultural do povo santomense.

A partir do momento em que o sistema educacional optar em uma educação afrocentrada em que as histórias de São Tomé e Príncipe e da África como um todo comecem a ganhar espaço nos livros de História, acreditamos que haverá mudanças por parte dos jovens e na conjuntura social e os estudantes do ensino médio passarão a ter novas percepções no que tange à valorização das suas identidades culturais. Ao se colocarem no lugar da centralidade das suas culturas, provavelmente viessem a se posicionar contra qualquer tipo de práticas subalternas e passariam a defender os seus elementos culturais, históricos, linguísticos e tudo aquilo que os rodeiam. A partir dessa mudança a sociedade santomense poderá se tornar mais preparada para desconstruir qualquer tipo de conhecimento que esteja fora do padrão histórico, cultural da nação e construirá as suas narrativas baseadas nos valores culturais e processos histórico e dinâmicas sociais de São Tomé e Príncipe.

Referência

AGOSTINHO, A. L.; BANDEIRA, M. Línguas nacionais de São Tomé e Príncipe e ortografia unificada. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, Lisboa, nº 31, p.219-229, 2017.

BAÍA, O. Reflexão sobre o sistema de Governo São-Tomense. *Téla Nón*, São Tomé, 2012. Disponível em:

<https://www.telanon.info/suplemento/opiniaio/2012/05/17/10400/reflexao-sobre-o-sistema-do-governo-sao-tomense>. Acesso em: 4 ago. 2021.

BARRETO, A. *A reforma do ensino secundário em São Tomé e Príncipe. Apresentação do projeto Escola+*. Lisboa, Ed. Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Estudos Africanos, 2012.

BAIA, O. Estado Angolar- (Utopia vs Realidade). *Téla Nón*, São Tomé, 2011. Disponível em: <https://www.telanon.info/cultura/2011/12/19/9306/o-estado-angolar-utopia-vs-realidade/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BENEDITO, R. M. *Afrocentricidade, Educação e Poder: Uma Crítica Afrocentrica ao Eurocentrismo no Pensamento Educacional Brasileiro: Afrocentricidade e Educação. (TCC)*, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CARDOSO, M. M. C. *Educação/ Formação/ Investigação em São Tomé e Príncipe-Será uma aposta do país no caminho para o desenvolvimento*, Lisboa: Editora, CEA/ISCTE, 2004.

CARDOSO, L. J. *Representação de São Tomé e Príncipe nos Textos de Apoio de História(1470-1595): Análises e Propostas Didáticas*. Monografia apresentada para o Curso de Licenciatura em História do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2020.

CARVALHO, R. *Estratégias de População e Desenvolvimento em São Tomé Príncipe: o sistema da educação - uma aposta no desenvolvimento*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Economia e Gestão. Lisboa, 2005

CARLOS, M. São Tomé e Príncipe: ano letivo arranca a 8 de Setembro com medidas sanitárias adequadas. RFI, São Tomé, 2020. Disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/sao-tome-e-principe/20200902-sao-tome-e-principe-ano-lectivo-arranca-a-8-de-setembro-com-medidas-sanitarias-adequadas>. Acesso em: 5 de ago. de 2021.

Mirian Fonseca da Costa, Afrocentricidade, currículo e identidade cultural no ensino secundário: um estudo de caso em São Tomé E Príncipe, 2010-2020

CERVO, A.; BERVIAN, P. *Metodologia Científica*. São Paulo: Makron Books, 1996
Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade>>
Acesso em: 21 de junho de 2021.

CORREIA, Y. *Formação Docente e Práticas Pedagógicas para a Inclusão e a Permanência no Ensino Primário em São Tomé e Príncipe: Perspectivas Emancipatórias*: Trabalho de Conclusão do Curso Bacharelado em Humanidades. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira São Francisco do Conde, p. 5, 2018.

DIOP, C. A. *Civilization or Barbarism: An Authentic Anthropology*. Chicago: Lawrence Hill Books, 1991.

EVARISTO apela para proteção das crianças face ao covid 19. E-GLOBAL, 2020.
Disponível em: <https://e-global.pt/noticias/lusofonia/sao-tome-e-principe/evaristo-carvalho-apela-para-protecao-das-criancas-face-a-covid-19/>. Acesso em: 13 de jul. 2021

GAMA, A. I. S.P. S. *Evolução do Ensino Técnico e Profissional em S.Tomé e Príncipe Escola Técnica de Formação Profissional /Centro Politécnico(1988-2014), N.º 38882*. Mestrado em Ciências da Educação. Departamento de Pedagogia e Educação: Évora, 2018, p. 43- 55.

Instituto Nacional de Estatística: *S.Tomé e Príncipe, 2018-2020*. Disponível em: <https://www.ine.st/>. Acesso em 6 de jul. 2021.

Instituto Marquês de Valle Flôr: *Novo projeto da Educação em São Tomé e Príncipe*. 2020. Disponível em: <https://www.imvf.org/2020/02/05/novo-projeto-de-educacao-em-sao-tome-e-principe-2/>. Acesso em 12 ago. 2021.

KANIGOSK, L. C. *Eurocentrismo e Etnocentrismo: O desenvolvimento do “outro” como Periferia* p. 21, 22. Cascavel. UNIOESTE. Paraná: 2013.

MELO, L. A cultura e identidade: Qual a importância dessas práticas dentro da escola? *Pensar a Educação: Um Jornal para Educação Brasileira 2020*, Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-cultura-e-identidade-qual-a-importancia-dessa-pratica-dentro-da-escola/>. Acesso em: 17 de jun, 2021.

MOREIRA, F.; CANDAU. M. (Org). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora, 2008.

Nascimento, E. L. O olhar afrocentrado: introdução a uma abordagem polêmica. In: Nascimento, E. L. (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009, p.181-196.

Mirian Fonseca da Costa, Afrocentricidade, currículo e identidade cultural no ensino secundário: um estudo de caso em São Tomé E Príncipe, 2010-2020

QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Colonialidade do poder e eurocentrismo, Buenos Aires, Editora: CLACSO, 2005.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. *Lei n°2/2003. Lei de Bases do Sistema Educacional*. Diário da República, Assembleia Nacional, 2 de Jun, 2003.

SEREQUEBERHAN, T. The critique of eurocentrism and the practice of African Philosophy. In: Emmanuel C. Eze (Org.) *Postcolonial African Philosophy A Critical Reader*, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1997, p. 141-161.

SILVA, M. *Afrocentricidade: um conceito para discussão do currículo escolar e a questão étnico-racial nas escolas*. Campinas: Editora PUC: 2016.

TAVARES, F. J. P. Educação Bilíngue e os desafios da inclusão da língua nativa Cabo-Verdiana nos processos do ensino e aprendizagem- Estados Unidos da América. *Revista de Humanidades e Letras*. Vol. 6, N°1, p. 126, 2020.

Recebido em: 11/08/2021

Aceito em: 14/09/2021



Para citar este resumo/vídeo (ABNT): COSTA, Mirian Fonseca da. Afrocentricidade, currículo e identidade cultural no ensino secundário: um estudo de caso em São Tomé E Príncipe, 2010-2020. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.324-342, jun./dez. 2021.

Para citar este resumo/vídeo (APA): COSTA, Mirian Fonseca da. (jun./dez. 2021). Afrocentricidade, currículo e identidade cultural no ensino secundário: um estudo de caso em São Tomé E Príncipe, 2010-2020.. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(2): 324-342.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>